

JOÃO GUIMARÃES ROSA NA FRANÇA:  
ANOTAÇÕES DO DIÁRIO DE PARIS

---

CECÍLIA DE LARA (IEB-USP)

---

"... sempre nas manias de remoer e ver, e perguntar e tomar o mundo por desenho e escrito" (J.G. Rosa - "O Recado do Morro").

I

João Guimarães Rosa realizou muitas viagens pelo Brasil e pelo exterior. Dessas viagens resultaram anotações, muitas comprovadamente utilizadas em suas criações literárias<sup>1</sup>. Mas, o escritor fez também outros tipos de registros, pois o hábito de anotar era arraigado na pessoa de J.G. Rosa. Há, mesmo, um personagem de "O Recado do Morro", o estrangeiro de óculos de lentes grossas, "Seo Olquiste ou Olquiste", que parece retratar o escritor em suas andanças pelo sertão do Brasil: "Tomava nota, escrevia na caderneta; a caso tirava retratos". (...) "Outramão ele desenhava, desenhava: de tudo tirava traço e figural leal" (...) "E seo Olquiste estudava o que podia, escrevia a monte em seus muitos cadernos..." (...) "Mas achava mais graça nenhuno seo Olquiste, sempre nas manias de remoer e ver, e perguntar, e

tornar o mundo por desenho e escrito" (grifo meu)<sup>2</sup>.

Em curioso depoimento<sup>3</sup> o vaqueiro Mariano, transformado em personagem pelo escritor<sup>4</sup>, se refere à participação de J.G. Rosa numa viagem ao interior de Minas, recolhendo material para suas obras: "... ficava puxando coisas e pondo num caderninho. Tudo queria saber: os nomes dos pássaros, dos pés de folha, o nome das vacas. Não largava o caderninho, nem nos rodeios. De vez em quando parava o cavalo para perguntar as coisas, tirava o caderninho e escrevia". Como se nota, a semelhança é notória com a figurá descrita em "O Recado do Morro".

Das viagens pelo interior do Brasil (em 1945 - a Paraopeba e Cordisburgo; 1947 - ao Pantanal matogrossense; 1952 - viagem a Sirga, fronteira Minas e Bahia, e viagem a Caldas do Cipó, Bahia) uma única caderneta manuscrita se conservou entre a documentação do arquivo, testemunhando a preocupação de tudo anotar. Inúmeros cadernos, conjuntos de folhas, papéis avulsos, escritos com mais cuidado ou datilografados, abrigam o vasto material coletado pelo escritor, que ainda solicitava informações por carta ao pai, Florduardo<sup>5</sup> e a outras pessoas, além de colher dados nas mais diferentes fontes escritas: jornais, livros, folhetos, dicionários etc., que juntava para se prover de elementos em grande parte aproveitados nas obras, conforme os estudos de pesquisadores vêm constatando.

Mas, nem sempre fazia registros escritos com o objetivo preestabelecido de aproveitamento na criação literária. Duas cadernetas de viagens pela Itália em 1950 trazem anotações na forma de diário, com datas, horários, trajetos; nomes de cidades, hotéis, restaurantes; pratos e vinhos dos cardápios, bem como observações sobre locais, obras de arte, pessoas, conversas, nomes, além de esboços de monumentos, igrejas, esculturas. Tais cadernetas, manuscritas, estão sem dúvida em sua versão original.

Mas no caso da Alemanha e França as anotações conservadas estão datilografadas em folhas, reunidas em conjuntos separados e devem ser resultantes de registros anteriores, manuscritos. Pelo menos no caso da França a hipótese tem fundamento, pois há referências a essa possível versão anterior: "Atravesso a rua,

de lápis na mão e caderneta na outra..." - diz J.G. Rosa no **Diário de Paris** (p.75)<sup>6</sup>. "Estou escrevendo no metrô" (p.68) dirá em nota de 8.V.950.

Dando seqüência à Carreira Diplomática iniciada no Brasil, após a aprovação em concurso do Itamaraty realizado em 1934, João Guimarães Rosa ocupou vários postos no exterior. Nomeado Cónsul-Adjunto seguiu para Hamburgo, Alemanha, em 1938. Período difícil, conforme relembra em carta, anos depois: "ano e pouco de paz e dois anos e tanto de guerra, bombardeios aéreos, o diabo"<sup>7</sup>. Nessa ocasião o prédio da Embaixada Brasileira foi bombardeado e J.G. Rosa com outros membros do Corpo Diplomático teve que recolher documentos de arquivo, em meio de escombros.

Em 1942, com a ruptura das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha, J.G. Rosa, Cícero Dias e outros brasileiros permaneceram por quatro meses em Baden-Baden, até que o regresso ao Brasil fosse negociado. De volta ao Rio foi enviado imediatamente a Bogotá, como Segundo Secretário da Embaixada Brasileira, lá permanecendo por dois anos.

A experiência da longa viagem de ida a Colômbia, com escalas em vários países, e os efeitos do "soroche", mal das alturas, relatados em carta ao tio, Vicente Guimarães<sup>8</sup>, foram recriados na narrativa "Páramo", incluída em **Estas estórias** - volume de edição póstuma.

De volta a Bogotá passou certo período no Brasil - de 1944 a 48, época em que vê, finalmente, publicada a obra apresentada no "Concurso Humberto de Campos" da Livraria José Olympio, em 1936, com o título de **Contos**, sob o pseudônimo de Viator. Obra que não logrou a premiação, mas publicada com o nome de **Sagarana** quase dez anos depois, após cuidadosa reelaboração<sup>9</sup> obteve êxito imediato com duas edições seguidas.

De modo que ao deixar o Brasil, novamente, em missão diplomática para o exterior, já partiu como escritor consagrado. A 17 de agosto de 1948, viajou para a França, para assumir o posto de Primeiro Secretário da Embaixada do Brasil em Paris. Fato que mereceu nota na imprensa: "Figura de maior projeção de nosso corpo diplomático, o sr. G. Rosa irá prestar, certamente, no novo posto para que foi indicado, serviços relevantes." A

nota ressalta a importância de se nomear para a França "uma figura de relevo nos meios literários"<sup>10</sup>.

## II

"Redigir honesto um diário seria como deixar de chupar quente cigarro, a fim de poder recolher-lhe inteira a cinza" (Diário de Paris).

Na França, não é a atuação diplomática que nos interessa assinalar. E nem, propriamente, os dados concretos que registra, no cotidiano de vida e de trabalho. O que nos parece de maior interesse é tentar seguir a trajetória interior de J.G. Rosa, nesse período, mediante as ondulações de seu pensamento e de suas emoções, que afloram em indícios, entre o registro de fatos objetivos.

Alguns pequenos fragmentos das notas de Paris foram divulgados em jornal e recolhidos no volume organizado por Paulo Rônai - Ave Palavra, de edição póstuma, com o título: Do **Diário de Paris**. Há diferença entre a versão divulgada e a versão existente no arquivo - a começar pelo volume das anotações.<sup>11</sup>

Dentre os registros de dados objetivos - encontros com pessoas, almoços, jantares, visitas e viagens turísticas, ressaltam pontos de interesse, como as referências à **Sagarana**, editada em 1946, mas que a cada nova edição sofria a revisão implacável do autor. O período de Paris se situa entre a publicação de **Sagarana**, que teve duas edições em 1946, e as futuras publicações de **Corpo de Baile** e **Grande Sertão: Veredas**, quase dez anos depois.

Do ano de 1950 temos referências às provas da 3ª edição de **Sagarana** (23-VI-50), que sairia pela José Olympio Editora. Nesse período J.G. Rosa conviveu com pessoas que se manifestaram sobre a obra, como Gilberto Amado, que trazia o rascunho de uma crítica.<sup>12</sup> Outra anotação da época se refere a certo Bernardo Gersen, que esteve na Embaixada: "Folheia o **Sagarana**, que Cícero Dias me trouxe. Ele se expressou, enquanto apressado uma carta ao David Lins:

- "É um trabalho!... Trabalhadíssimo. Que esforço tremen-

do! Não se pode mudar nada."

Respondo, por brincadeira:

- "Eu escrevo para o Juízo Final!"

Ele ri: diz que Beaudelaire já disse isso. "Eu não sabia..."

Curiosa afirmação que J.G.Rosa retoma outras vezes, uma delas no Discurso de Posse à Academia Brasileira de Letras, aplicando-a ao volume de **Memórias** de João Neves da Fontoura, patrono da vaga que lhe coube: "Direi, escreveu-o para o Juízo Final, como todo livro deveria ser escrito".<sup>13</sup>

As anotações de Paris revelam uma vida movimentada, com excursões, passeios, visitas a museus, idas a restaurantes e bares, com os nomes devidamente registrados no diário. Quanto à produção literária, propriamente, este período se configura como de preparo para as obras de maior fôlego - além das constantes revisões de **Sagarana** que só chegou ao texto definitivo na 5ª edição!

Já no ano de 1947, em carta a F. Azevedo da Silveira - o "Silveirinha" - como o tratava, J.G. Rosa se refere ao clima que antecipava as fases de absorção total no trabalho literário: "... Eu ando febril, repleto, com três livros prontos na cabeça, um enxame de personagens a pedirem pouso em papel. Estou apontando o lápis, para começar a tarefa. É coisa dura, e já me assusto, antes de pôr o pé no caminho penoso, que já conheço. Mas, que fazer? Depois de certo ponto um livro tem de ser escrito ou fica coagulado na gente, como um trombo na veia, pior que um complexo. Tenho esperança de poder criar coisa nova e diferente, de superar o nosso **Sagarana**, com histórias e romances mais humanos, mas ao mesmo tempo, mais meta-humanos, mais super-humanos, que sei!?? O Bom seria fazer-se um livro só, de 5.000 páginas, que seria escrito e reescrito durante a vida inteira. Ou - que beleza! - três gerações de romancistas (pai, filho, neto), trabalhando num **roman-fleuve**, catedralesco, pétreo, tri-generacional..."<sup>14</sup>

Assim era a atmosfera de intuições e ansiedade vivida por J.G. Rosa, antes de colocar no papel as obras que dariam seqüência a **Sagarana**, ou seja, as narrativas de **Corpo de Baile**,

Grande Sertão: Veredas, Primeiras estórias, Tutaméia, além das que divulgou em jornal e foram editadas postumamente, como **Ave Palavra, Estas estórias**, e ainda outras, esboçadas ou iniciadas, sem terem chegado a termo. Não é portanto, difícil, conhecendo a obra que viria a escrever, entender a sensação de "enxame de personagens" a que se refere na carta de 1947, que confirma um de seus pontos de vista: "Os livros nascem quando a pessoa pensa; o ato de escrever já é a técnica e a alegria do jogo com as palavras" (Entrevista a G. Lorenz).<sup>15</sup>

Logo, a época em Paris se situa no intervalo em que se deu a gestação de temas e formas, num longo período de preparo para muitas das criações que virão à tona depois. Alguns registros de leituras podem ser de interesse, nesta linha: De 19-III.49 - **L'Évolution Créatrice** - Bergson (77ª ed.); De 21-III-50 - **Le Vagabond**, de Frédéric Lefèvre; De 20-X-50 - **Ilíada** e de 3.XI.50 - **Odisséia**. Teria, já, em mente, a criação de uma obra com traços épicos? Se não há uma relação direta, sem dúvida o preparo remoto para a criação de **Grande Sertão: Veredas** pode ser vislumbrado nessas leituras.

Entre as informações que emergem das inúmeras anotações do diário, repontam indícios do eu mais profundo do escritor, à espreita. Poucos fragmentos esparsos que alinhavados nos revelam um pouco mais da interioridade da figura da pessoa e do escritor. Facetas que a obra também entremostra, como a do pensador, do homem inclinado ao questionamento e à reflexão, sobre o mundo e sobre si mesmo, e também o místico - que se observa no caminho do auto-aperfeiçoamento.

### III

"Porque todo homem tem a parte tereira e a parte oceânica" (J.G. Rosa - Paris)

Mais de uma vez J.G.R. confessou sua tendência especulativa, seu gosto pela meditação, a ponto de distrair-se horas e horas com uma simples palavra. Atitude que tenta explicar por sua origem: "Nós sertanejos somos muito diferentes da gente temperamental do Rio ou Bahia, que não pode ficar quieta um minuto. Somos tipos especulativos, a quem o simples fato de me-

editar causa prazer. Gostaríamos de tornar a explicar diariamente todos os segredos do mundo". (Entrevista a G. Lorenz). Algumas anotações do **Diário de Paris** oferecem aspectos curiosos desta faceta, traduzindo a manifestação mais direta do fluxo interior dos pensamentos e emoções do momento. Por vezes as reflexões se voltam para si mesmas, no tom pessoal, de confiança, raro de se encontrar na grande massa de registros que seu arquivo encerra. O registro incessante do que vive - enquanto vive - acaba por parecer a J.G.Rosa um frio sucedâneo da vida real: "Redigir honesto um diário seria como deixar de chupar quen te cigarro, a fim de poder recolher-lhe inteira a cinza". Escrever se impunha, como necessidade íntima: "Faz sol. Pus a gabardine, que já é demais. Escrevo na rua, não posso ver a natureza. Imagino o céu azul. Tomo um táxi: não tive tempo de limpar os óculos. Este diário terá de tudo - é cock-tail, bric-à-brac. Nele quero acompanhar-me. Lê-lo mais tarde, já é impessoal. Cafarnaum. Mas tem de ser assim, carregado de lúdico, enevoadado, bagaço, supérfluo" (p.75).<sup>16</sup>

A faceta especulativa de seu espírito também se voltava para si mesma, para tentar compreender as motivações mais profundas dessa atitude: "O canto dos pardais, repentinamente múltiplo, gaiato e concertado, faz-me sentir que a minha angústia básica é a ânsia da oniscência... (Por que cantam assim os pardais? Quais são os seus hábitos? Como vivem? Quem pode estudar os pardalitos?) (E as observações sobre eles resultam de acaso, de tempos outros, de bribes reunidas, várias contribuições...). Assim tudo o mais. De modo que a **coisa mais simples, alacre, natureza e espontaneidade - provoca-me em vez de um gozo gratuito um tormento acaparador, de ambicioso, de insaciável...**" (11.II.51 - p.119). (grifos meus). Importante análise, que põe a descoberto pelo menos um dos fatores do que ele próprio chamou de "tormento", de "incessante tempestade" de seu mundo interior.

Sua reflexão também se volta ao próprio diário, cujo tom procura definir: "Já o ímpeto criador (fabulador) começa a dominar-me. Estas notas oscilarão entre o tom esse e o do puro fi xar momentos, idéias, reações, emoções. Oscilações de tons, correspondente: quando em **plus** = fabulação, literato; em **minus**

- o memorialista do presente, diarista. (Irremediáveis confidências" (p.66-7). Mas, é claro que nem sempre as coisas surgem separadas, dessa forma. A fusão se faz, quase sempre, no próprio ato de escrever, que deixa a sensação de estar subtraindo momentos de vida: "A ânsia de fixar no papel minhas impressões priva-me de certo modo de gozar o espetáculo do campo das tulipas. Mas não é avareza, é a necessidade de contar, de transmitir a outros esta beleza. **Estou sendo o escritor e não o diarista**". (Museu de Chantilly, p.60). A contradição é constante, no diário, quanto às razões e objetivos desse comportamento qu se compulsivo, do escritor: "Correr para o caderno e anotar logo qualquer brotar de pensamento, ou sensação - não será um mal? Não é como colher uma plantinha, mal seu dedinho (cabelinho) ver de reponta da terra? (Penso, ao contrário, que isto ajuda, essa fixação.)" (p.74).

Há uma palavra que surge por várias vezes nas notas, e pelo que se infere, era uma espécie de nome do próprio diário: "Nautikon = o livro da sinceridade" (p.61). Novamente surge a palavra, sem explicações: "Nautikon / - Sozinho a bordo" (p.70). Retoma a expressão, desdobrando a simbologia marítima. "Com o Nautikon tento evitar os recifes da incessante tempestade de minha vida interior". Afirmação que comenta: "Porque sozinho a bordo se tenho Ara, Xizinha, os colegas?/ Porque todo homem tem a parte térrea e a parte oceânica. Nessa é que (Nautikon) ele está sempre sozinho. Sozinho? E... Deus? Com Deus coexistem os deuses" (p.74).

Se na versão do arquivo a palavra "Nautikon" é de sentido pouco claro, no fragmento publicado em **Ave Palavra** o termo é mais explícito: "O diário tem dois títulos: às vezes, "Nautikon", às vezes, sozinho a bordo."Sozinho de verdade, não. Apenas cada um de nós traz sua parte chão e uma parte oceano?" O tom da ver são do arquivo é mais poética, e portanto mais hermética.

Anotar representa, por vezes, o ato de volver a atenção para si mesmo, escrevendo para resguardar o território íntimo, a "parte oceânica", na qual sempre se está sozinho. Ainda sobre "Nautikon" em **Ave palavra** se reproduz um outro fragmento, no qual o escritor menciona o encontro com uma moça grega: "... Rabisco "Nautikon" na toalha da mesa, e pergunto a Ieana se

aquela palavra existe.

"- Naftikon? É a marinha.

"- Sou eu mesmo.

"- Um enigma?

"- O "Nautikon" resolve tudo..."

Por uma ou outra razão, o diário parece que assumiu um papel importante: "O Nautikon está-me servindo para maior equilíbrio, por isto: estou escrevendo um livro, sem o estar, sem a necessidade de penosas sessões de papel e mesa" (p.74).

O registro das impressões no diário se torna forma de reencontro consigo mesmo: "Pôr tudo num diário é meio salutar de nos envergonharmos de nós mesmos para aperfeiçoamento" (p.73). Anotação que deixa emergir uma ponta das camadas mais profundas do eu. A idéia de auto-aperfeiçoamento sem dúvida se liga a ideais místico-religiosos, que J.G. Rosa cultivava. Essa busca do verdadeiro eu, imerso nas aparências é uma preocupação que deixa entrever: "De madrugada, acordei: Paz e lucidez, inspiração (O difícil, na senda, é, simultaneamente, a gente **pairar** ou elevar-se acima da perturbação ou do erro, e aproveitar, teorizar, assimilar logo a boa lição e as normas que aquela perturbação traz consigo) (l.III.950 - p.46). Obscuro,mas revelador, abrindo frestas para a subjetividade mais profunda do homem, com suas angústias.

Sinais dessa busca aparecem com maior clareza, quando diz: "Quero orar, hoje, o mais possível. Minha oração é muda, sem palavras e sem imagens. É um contacto (ou tentativa de) com o INF. Sem misticismo, sem fraquezas, sem devaneio. Talvez sejam os momentos únicos em que não pratico a evasão. Nada mais real mais prático e mais útil que a oração. Se fôr capaz de orar uma hora cada dia, pelo menos, sei que serei igualmente capaz de quaisquer realizações. Se não a própria literatura minha degenerará num brinquedo desvalioso. A necessidade de purificação e dinamização espiritual prévia é em mim muitíssimo forte.

"(Li, em qualquer parte (no Prefácio do "jornal" dela) que o mesmo passou a se dar, a certa altura da vida, com Katherine Mansfield)" (p.58).

Outras vezes é a percepção da própria angústia que se cor-

porífica em imagens: "A noite, hora de abater-se a vitalidade mil pequenos remorsos. A ave pecadora, se tenta pousar ou precisa, só encontra chão pontegudo e escaldante" (p.95). Introspecção que se aprofunda, em mergulhos que têm aquela lucidez obscura de quem se acerca do mistério, de quem se aproxima muito do quase indizível, e se desprende da tentativa racional, de explicar com lógica, passando a sugerir, com frases que evocam estados de espírito e emoções sutis.

Ele próprio sentia que o mistério sempre permanecia, mantendo certas zonas obscuras que se refletiam na expressão. Em carta de 1 de fevereiro de 1965 dirá a Meyer-Clason: "**Corpo de Baile** tem de ter passagens obscuras: isto é indispensável. A excessiva iluminação, só no nível raso, da vulgaridade. Todos os meus livros são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada "realidade" que é a gente mesmo, o mundo, a vida. Antes o obscuro que o óbvio, o frouxo. Toda lógica contém inevitável dose de mistificação. Toda mistificação contém boa dose de inevitável verdade. Precisamos também do obscuro".<sup>17</sup> Obscuro que também observa dentro de si mesmo: "A redução ao desespero vale, porque nos leva ao estado de "essencialidade". Mas esse estado, há outros modos de obtê-lo. É uma graça impulsionante. Suas características: evanescência dos detalhes sem importância, que antes nos punham e assustavam; desaparecimento do respeito humano; enfeixamento confortante de todas as próprias forças. Sente-se mais a eternidade. Tudo importa é do motor pulsando(sic). Será possível um evoluir na calma perfeita? Não o creio, chego a não acreditar nisso. Nunca se tem tanto tempo como quando nos falta de todo o tempo etc. Esquecimento de si, as intuições fulgurantes. Os lampejos de beleza. As interpolações poéticas das coisas. Os bons movimentos das pessoas" (p.72) (9.V.50).

Talvez como Riobaldo, narra para entender o que vive e para entender a si próprio: "Falo por palavras tortas. Conto minha vida, que não entendi". (**Grande Sertão: Veredas**). Função que o diário exerce, e que se equipara à religião e à criação literária propriamente: "Não tenho personalidade, e tenho procurado ser como menino, para o Reino. Só a oração e a criação

literária entrelaçados permanentes podem dar-me individualidade" (p.61). Busca de si mesmo - não como era - mas como poderia ser, como sibilamente escreve em nota de 20.III.950: "J. Guimarães Rosa ainda não existe. A bom entendedor o digo. Por ora sô um rascunho".

Essa idéia, da pessoa como "rascunho", reaparece no conto "Páramo" - que transpõe as experiências de viagem a Bogotá e as sensações do "soroche" - mal das alturas, para a dimensão espiritual, das grandes mutações que o ser experimenta nas experiências de passagens: "Cada criatura é um rascunho a ser retocado sem cessar, até a hora da liberação pelo arcano, além do Lethes, o rio sem memória..." Conceito que atingiu a sua formulação definitiva no último escrito de J.G. Rosa - o Discurso de Posse à Academia Brasileira de Letras - verdadeiro testamento espiritual do escritor: "Mas o que o homem é, depois de tudo, é a soma das vezes que pode dominar, em si mesmo a natureza. Sobre o incompleto feitio que a existência lhe impôs, a forma que ele tentou dar ao próprio e dorido rascunho". Ou seja, ao homem compete a tarefa de levar a termo a construção de si próprio:

"O tormento maior: se não consigo dominar esta inércia, todos os meus propósitos de ontem, de independência, ficarão prejudicados" (p.69).

Os indícios que o diário oferece, evidentemente pouco significariam se não encontrassem ressonância na criação literária. J.G. Rosa em geral ocultava da curiosidade jornalística o rigoroso artesanato de sua obra, tentando despistar. Mas, para o tradutor para o alemão, Meyer-Clason, escreveu palavras que retratam seu empenho na construção técnica da obra: "Apenas sou incorrigivelmente pelo melhorar e aperfeiçoar, sem descanso, em ação repetida, dorida, feroz, sem cessar até o último momento, a todo custo. Faço isto com os meus livros. Neles não há nem um momento de inércia. Nenhuma preguiça! Tudo é retrabalhado, repensado, calculado, rezado, refervido, recongelado, purgado e reengrossado, outra vez filtrado".<sup>18</sup> Como o alquimista, que ao se entregar à busca do metal precioso acaba por sofrer, ele próprio, a metamorfose, J.G. Rosa se construía, na procura. Para além do artesanato cuidadoso, do verdadeiro "ourives de palavras"<sup>19</sup>, se vislumbra o fundo místico-religioso do pensador,

preocupado com os destinos do homem, em sua trajetória evolutiva. Mas, as camadas mais profundas de sua criação se desdobram em facetas diversas, a cada abordagem, na permanente abertura a novas interpretações. E para isto podem contribuir, a sua maneira, as notas do diário, pois como bem diz o editorial sem assinatura do **Jornal do Brasil** de 21 de novembro de 1967, "... o pensador só aos poucos será revelado. Revelado é bem o verbo a se aplicar a G. Rosa. Como as montanhas de sua terra mineira seus livros têm um impacto paisagístico mágico e imediato. Mas nas entranhas de sua obra é que correm os veios de ouro e se organizam os cristais complexos".<sup>20</sup>

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Leonel, Maria Célia de Moraes. **Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto**. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 1985 (Mimeografada). Ver, também, Nascimento, Edna M.F.S. e Covizzi, Lenira M. **João Guimarães Rosa**. Homem Plural Escritor Singular. São Paulo, Atual Ed., 1988 (Série Lendo).
- <sup>2</sup> Narrativa que fazia parte de **Corpo de Baile**, obra atualmente desmembrada em 3 volumes. "O Recado do Morro" encontra-se em: **No Urubuquã no Pinhêm**.
- <sup>3</sup> Recorte sem data, do jornal **Flan**, Rio de Janeiro, pertencente ao acervo de J.G. Rosa do **Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo**. (Série **Recortes** - organizada por Katia Bueno Romanelli).
- <sup>4</sup> J.G. Rosa publicou uma primeira versão de "Com o vaqueiro Mariano" em jornal - **Correio da Manhã**, de 26 de outubro de 1947 a 7 de março de 1948. Atualmente o texto está incluído em **Estas estórias**, volume de publicação póstuma.
- <sup>5</sup> Várias folhas de almoço manuscritas a lápis, com ou sem assinatura, constam do Arquivo de J.G. Rosa, do I.E.B. Com a divulgação das cartas trocadas entre o escritor e seu pai, Florduardo Pinto Rosa, ficou esclarecido de que se trata de apêndices às respostas de Florduardo ao filho escritor, com informações sobre a vida no interior de Minas, solicitados por G. Rosa quando escrevia as narrativas de **Corpo de Baile**.
- <sup>6</sup> Versão das anotações de Paris pertencente ao arquivo de J.G. Rosa, IEB-USP.
- <sup>7</sup> Carta datada de 19/1/57 publicada em: Dantas, Paulo. **Sagarana Emotiva**. Cartas de João Guimarães Rosa. São Paulo, Duas Cidades, 1975.
- <sup>8</sup> Carta datada de 21/9/42 publicada em: Guimarães, Vicente. **Joãozinho. Infância de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro, José Olympio ed./MEC, 1972.

- <sup>9</sup> Conforme atestam as versões datilografadas e corrigidas existentes no arquivo do escritor, IEB-USP.
- <sup>10</sup> **O Jornal**, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1948. Arquivo J. G. Rosa - IEB-USP (Série - **Recortes**, organizada por Katia B. Romanelli).
- <sup>11</sup> A versão do I.E.B. das notas do **Diário de Paris** se compõe de cerca de 120 páginas datilografadas, em data inicial de 8. VIII.49 e final de 2.XII.51. Pequenos fragmentos foram divulgados em jornal e recolhidos no volume **Avé Palavra**, organizado por Paulo Rónai (1970). Obra que também recolhe um outro tipo de matéria: observações e reflexões sobre animais de zoológicos de vários países. Também deste período, na França, devem ser os textos: "Zôo (Jardin des Plantes) "e" Zôo (Parc Zoologique du Bois de Vincennes).
- <sup>12</sup> De fato Gilberto Amado publicou, anos depois "Notas sobre **Sagarana**", a 5 e 11 de julho de 1958, no **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro.
- <sup>13</sup> Discurso de posse à Academia Brasileira de Letras, transcrito em: **Em Memória de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1968.
- <sup>14</sup> Rosa, Vilma Guimarães. **Relembraimentos - João Guimarães Rosa, meu pai**. Rio de Janeiro, José Olympio ed./INL, 1972. p.321.
- <sup>15</sup> Entrevista a Gunther Lorenz: "Literatura deve ser vida". **Diálogo com a América Latina**. Panorama de uma literatura do futuro. São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária, 1973.
- <sup>16</sup> As páginas entre parênteses se referem à versão do diário, existente no IEB-USP.
- <sup>17</sup> Carta divulgada em **O Minas Gerais**, suplemento literário, a 23 de novembro de 1968, Belo Horizonte.
- <sup>18</sup> Idem, ibidem.
- <sup>19</sup> Expressão usada por Otávio de Faria em discurso de homenagem póstuma do Conselho Federal de Cultura, reproduzido em **Em Memória...** (ver nota 13), p.163.
- <sup>20</sup> Recorte do arquivo J.G.Rosa. IEB-USP (Série **Recortes**, organizada por Katia B. Romanelli).